



COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Um improvisador brasileiro*, por Pinheiro Chagas;—*Ao crepusculo*, por René Maizeroy;—*Não te esqueças*, versos, por O.;—*A poesia da Servia*, por Alberto Pimentel;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*A viscondessa*, conto, por José Maria da Costa;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*Passatemplos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A adúltera*, conto, (conclusão), por Duarte Cid.  
GRAVURAS:—*O padre Beckx*;—*A mesquita de Dodinga* (*Nova-Guiné*);—*Jayme Arthur da Costa Pinto*;—*A Costa de Caparica depois do incendio*;—*As novas edificações na Costa de Caparica*;—*Brincando*;—*Alfredo Maia*.

## CHRONICA

E S. Alteza... nada!

Sucedem-se os quartos crescentes e minguentes, as luas cheias e novas, as luas de todos os feitios e tamanhos, grandes e pequenas, claras e nubladas, limpidas e de circulo á roda. Os dias vão passando no seu deslizar compassado e isocrono, e no Paço de Belem... coisa nenhuma!

—Porque será? Porque não será?

—Porque não vem? Porque se demora?

Mysterios da Natureza, d'aquella discreta e velha matrona que não conta os seus segredos a ninguem, com receio das linguas danadas.

Todos á espera do principesinho



O PADRE BECKX

(GERAL DOS JESUITAS)

muito loiro e rosado, que se mandára vir de França n'uma *corbeille*, e o principe sem chegar. Tudo a postos para receber entre grinaldas de resedá e myosotis aquelle pequenino raio de sol, e elle sem vir.

Gentis *bébés* moços-fidalgos, de casaca de velludo á antiga, com boffes e rendas brancas, calção, sapato e meia, aguardam nos salões do Paço a vinda do principe desejado, para lhe apresentarem as suas homenagens, e o principe não apparece, envolto em nuvens d'incenso e myrrha; e na alcova dourada, onde elle hade pôr amanhã, talvez, a nota radiosa do seu olhar infantil, limpido como uma aurora, não se ouve ainda nenhum vagido denunciador d'uma existencia que começa.

Dir-se-ia que está com receio de nós! . . . Pois Alteza, vossos paes e vossos avós bem o sabem, aqui adoram-se e respeitam-se os Braganças, atapetando-se-lhes de flores sempre frescas e perfumadas o caminho que pizam. Se acaso alguma fada vos disse o contrario, lá pelas regiões azues do ignoto e do vago onde pairaes ainda, á fé vos declaro, pequenino Senhor, que essa tal fada mentiu com quantos dentes tinha na sua bocca enganadora.

E' certo em tempos ter havido n'estes reinos, ahi para as bandas de S. Roque, um sapateiro Simão, de sobrenome feroz e catadura selvatica, especie de mata-moios, que se comprazia em espalhar o terror á porta dos regios alcaçares, prégando a sedição e o exterminio. Mas vosso real avô, profundo conhecedor das coisas mundanas, houve por bem chamar o citado sapateiro para os conselhos da sua corôa refulgente, e Simão, o feroz, curva-se hoje em genuflexões de arrependimento, sobre as alcárfas das salas onde uma gentilissima guarda de honra de creanças da côrte espera com impaciencia e alvoroço o vosso ingresso.

Podeis vir sem receio, meu principe de cabellos côr de oiro. Simão já não morde. Por Jeovah vos juro que entre os primeiros beijos depositos sobre as vossas carnes rosadas e palpitantes, receberéis um beijo d'elle.

Vinde, principe, vinde ver como aqui, n'estes reinos do Occidente, que um dia serão vossos, talvez, os mais rancorosos inimigos da realeza se transformam, mercê d'um prato de lentilhas, nos seus mais reverentes e curvados servidores.

E' possivel que o osculo por elle impresso na vossa pequenina mão, deixe ali, em vez do aroma inebriante das rosas e da verbena, o cheiro acre e nauseabundo dos cigarros de Xabregas. Mas é que elle, Alteza, deu agora em tabaqueiro, em manipulador e monopolizador da herva santa.

No entanto, deixae que elle vos beije, porque elle não morde, como já vos disse, embora tenhaes de ordenar depois, n'um gesto, á vossa *bonne*, que vos lave a mãosita delicada com phenol e perfumes do Oriente.

Mas não vos demoreis, Alteza; não deixeis mal collocados, á mercê do ridiculo esmagador, os sabios e os prophetas da nossa terra.

Esperais pelo abril das rosas de mil côres? Pois março está á vossa espera, e março é o mez das violetas, das florinhas gentis que todos amam, que todos adoram. Não esqueçaes, pelas rosas garridas, as singellas flôres que vos aguardam impacientes em pequeninas jarras de crystal e Sévres. Já serviram de emblema a uma rainha e a um rei de França, d'onde vós haveis de vir, d'onde vos encomendaram, meu Senhor.

Vinde ao seu appello, Principe, e não façaes caso do que as fadas linguareiras vos dizem.

Depois, a Primavera luminosa está por dois dias a chegar. Pedi-lhe, com o mais bello dos vossos sorrisos innocentes, que vos traga no seu regaço, por entre as fulgurações diamantinas d'uma aurora.

Não vos façaes esperar, Creança! Vossa bisavó pa-

terna, modelo de rainhas, dizia que os reis e os principes não devem fazer-se esperar nunca. Olhae que andam impacientes no Paço dos vossos maiores, que tudo está a postos para vos receber, tudo, o Ravara e a côrte, o povo e a nobreza. Ha muitos annos que ali, pelos salões e pelos jardins regios, não traquina um *bébé*. E' preciso insuflar vida e alegrias novas áquelles tristes alcaçares, saudosos de gargalhadas infantis.

Eia, pois, vinde vós insuflar-lh'as, vós, de camaradagem com a Primavera que renasce e com as flôrss que se expandem!

\*  
\* \*

Ha bons oito dias que a Chronica, cheia de impaciencias febris, anda a pedir isto, com o mesmo interesse com que um amanuense pode pedir a promoção a segundo official; e a senhora Natureza . . . moita!

E não foi só isto o que ella tem pedido com o maior dos empenhos, accendendo lamparinas e cyrios bentos aos varios santinhos da sua particular devoção: pediu mais; supplicou á Theodorini, de mãos postas, que lhe dêsse uma segunda vez a *Norma*; tinha gosto n'isso, fazia consistir n'isso a sua felicidade.

Depois de successivos *relâches* por doença da *diva*, a *diva* promete alfim cantar. A Chronica sente-se inebriada por uma alegria doida, remoga vinte annos, faz castellos no ar, phantasia uma noite adoravel, tem sonhos côr de rosa, afaga chimeras muito gentis, e vae senão quando, no apogeu do seu contentamento louco, o Grillo, o implacavel Grillo, o desmancha-prazeres, manda-lhe dizer que Helena Theodorini tivera uma rechida. Outro *relâche*, e nada de *Norma*, ó raiva!

Um monstro, esta Theodorini, leitora!

Eu não sei, ao certo, qual é a doença que flagella a gentil cantora, mas deve ser, por força, uma enfermidade extravagantissima e caprichosa, uma doença *sui generis*. Porque emfim, ao passo que a vejo fugir das scintillações da ribalta, resistindo ás minhas supplicas mais ardentes, vejo-a todos os dias offerecer deliciosos banquetes aos seus intimos—uns intimos que fazem espirito e criticas lyricas—e oiço-a todas as noites cantar cançonetas da *Nitouche* pelos salões da *haute gomme*.

Dizem já por ahi as linguas viperinas do soalheiro indigena, que a Theodorini tem uma *bendazziti* aguda. Quasi que o vamos acreditando.

\*  
\* \*

O que nós não pedimos foi ao sr. general Sá Carneiro que levasse ao velho imperador Guilherme a espada de honra offerecida por el-rei. E s. ex.<sup>a</sup> levou-a.

Pois, muito aqui á puridade, não tinhamos o mais leve empenho em que elle fosse. E não o tinhamos, por duas razões. O illustre general, quanto a ares marciaes, deixa muito a desejar; e de resto, não sabe um monsyllabo do idioma de Bismarck, devendo vêr-se em serios embaraços quando tiver de pedir ao venerando nonagenario teutonico que aceite o sabre do monarcha portuguez.

Mas s. ex.<sup>a</sup> foi. Deixal-o.

Tambem a Chronica não pediu ao sr. A. J. Salgueiro que desse a lume as trovas desopilantes do seu *Petit Bouquet*, e o poeta, para gaudio d'estes povos contristados pelo peso das contribuições, teimou em publical-as. Que lhe faça muito bom proveito.

Só a Natureza, a despeito de todas as nossas supplicas, é que se não resolve a dar-nos um principe. Só a Theodorini, apesar de todos os nossos rogos, é que teima em não cantar mais a *Norma*. Vejam isto!

SANTILHANA.

# UM IMPROVISADOR BRAZILEIRO

I

Com o título de *Moniz Barreto, o repentista*, acaba de publicar o sr. Rozendo Moniz, um poeta e escriptor brasileiro distinctissimo, um precioso volume destinado a pôr em relevo a gloria alcançada por seu pai, que é o repentista por elle estudado, mas que tem sobretudo a importancia de nos dar um quadro, pintado com vivas côres, da Bahia nos primeiros periodos da vida constitucional brasileira.

Desconhecemos completamente a historia moderna do Brazil; sabemos quantos motins tem havido em França desde a Revolução até hontem, conhecemos todos os vultos, ainda os mais insignificantes, que por qualquer motivo attrahiram durante um momento, já não diremos a attenção da França, já nem sequer a de Paris, mas a do *boulevard*, e a historia das agitações profundas que dilaceraram durante vinte annos ou mais esse imperio que nos é tão conjuncto, cuja politica tanto nos interessa pelo modo como se repercute na nossa, pela acção que exerce nos nossos patrios, essa historia ignoramol-a completamente, os homens notaveis que imperaram na sociedade brasileira são para nós uns desconhecidos, apesar de terem nomes portuguezes, e de exprimirem em lingua portugueza os seus pensamentos. Pois é necessario que essa ignorancia acabe. Bom é que no Brazil se publiquem monographias como esta que acaba de sahir á luz, porque nós, pela nossa parte, faremos tambem tudo o que fôr possível para que os nossos leitores portuguezes se interessem por esses quadros da vida moderna de um povo, que tão ligado está connosco.

Moniz Barreto, o heroe do excellento livro a que nos referimos, foi militar durante algum tempo, servio na guerra do Rio da Prata, mas, conseguindo ser empregado na a fandeira da Bahia, sua patria, passou o resto da sua vida desempenhando as funcções do seu cargo, ou fruindo os rendimentos da sua reforma. O que o tornava porém celebre e notavel era o seu êstro poetico, e principalmente o seu raro talento de improvisador, talento que seu filho comprova, citando um grande numero de poesias improvisadas, que attestam ser verdadeiro esse notavel engenho.

Mas o que faz com que este vulto do repentista brasileiro seja muito digno de um estudo especial, e que esse estudo venha a ser um dos mais preciosos elementos para o estudo do Brazil moderno e principalmente da Bahia, é que se sente que elle foi sempre, como repentista, a expressão sincera e franca do pensamento popular. A sua musa estava prompta para cantar os grandes feitos, os grandes anniversarios, para lamentar as grandes catastrophes, e dizia sem rodeios o que o povo pensava. Lendo-se os improvisos de Moniz Barreto, pode dizer-se que se seguem passo a passo as evoluções da opinião publica, pelo menos na Bahia.

E' curioso por exemplo ouvir o poeta, dirigindo-se a D. Pedro II, dizer-lhe abertamente, e sem cerimonia o que muitos outros diziam em voz baixa—que no Brazil quem governa verdadeiramente não é nem o sr. barão de Cotagipe, nem o sr. conselheiro Cansansão de Sinimbú, etc.; é o imperador. E Moniz Barreto diz-lhe, sem ambages, que faz elle muito bem.

O rei, quando devéras  
Quer, muito remedeia, pode muito.  
Dizer que o rei só reina e não governa  
E' paradoxo, burla,  
Politica, chicana, ou verdade.  
Reinar é governar. Quando, pois, vires  
Que abusam os ministros, já que elles  
Só responsaveis são em letra morta,  
Não vacilles, Senhor, não, não te prendas  
A theorias vãs, corrige o abuso,  
A injustiça repara, olha que n'isso  
Lucras mais do que nós; lucras a gloria.

Isto chama-se não ter papas na lingua. Uma vez, porém, a franqueza fez escandalo. Moniz Barreto era um imperialista decidido. Em 1860 o imperador foi á Bahia, e Moniz Barreto recitou no theatro uma ode gratulatoria. N'essa ode dizia-lhe muito serenamente:

Oh! quanto não obraria  
Um tal rei do povo em pró,  
Se outra fosse a monarchia,  
Se elle governasse só.  
Já hoje ninguem duvida  
Que os males, de que opprimida  
Geme a brasileira grei,  
Não vem do homem que eu louvo,  
Vem dos eleitos do povo,  
Dos delegados do rei.

Esta profissão de fé levantou protestos até nas camaras, e realmente o caso não era para menos. O sr. Rosendo Moniz, que não deseja ver seu pai acimado de absolutista, procura defende-lo

contra essa imputação, e até resume uma resposta que o repentista deu em tempo aos que o accusavam:

«Entre outras coisas, escreve o sr. Rosendo Moniz, dizia essa condigna resposta que o denunciante, deslustrando o seu alto cargo, fizera da cadeira do senador banco de coristas para desacreditar o poeta liberal perante a opinião publica, explorando na interpretação maligna de um pensamento incapaz de attentar contra a menor prerogativa do povo, e bastante livre para enaltecer as virtudes do principe, uma fiação poetica de alcance puramente hypothetico.»

A explicação é um pouco enbruhada, e realmente não seria das coisas mais facéis demonstrar que a estrophe que citamos não era uma estrophe absolutista.

E' verdade que eu conheço um absolutista que até se zanga quando lh'o chamam:

—Absolutista, eu! Ora essa! Até accetto a Carta Constitucional, se se acabar com eleições! Acabem com as eleições, e não têm mais ardente partidario do regimen constitucional.

Era da mesma raça o famoso repentista brasileiro. Absolutista não era! Isso sim! Apenas queria que o imperador governasse e o sinho, que não houvesse eleitos do povo, nem ministros responsaveis. Fazendo-lhe essas pequenas concessões, não teria talvez o partido liberal em todo o Brazil mais devotado apostolo.

Mas não disse eu que Moniz Barreto me parece ser, nas suas poesias, habitualmente, a voz da opinião publica? Quer isto dizer que a opinião publica no Brazil seja absolutista? Não, não irei tão longe. Mas parece-me que no Brazil ha dois grandes partidos: o de D. Pedro II e o contrario a D. Pedro II. Não conheço tanto a politica do Brazil que possa aventurar-me a formular a esse respeito uma opinião bem positiva, mas parece-me — verdade, verdade! — parece-me que Moniz Barreto no theatro da Bahia não fez mais do que exprimir com muita sencereza o que estava no espirito de todos os monarchistas presentes.

Mas note-se que no espirito de Moniz Barreto não havia nem a mais leve sombra de servilismo. Ha uma scena curiosa que bem o attesta. Os veteranos da independencia solicitavam pensões de reforma, e Moniz Barreto, que tambem fôra um soldado da independencia, patricinou-lhes a pretensão. Foi com elles ao Paço, á frente d'elles se apresentou ao imperador, e o memorial que entregou compeñ se das seguintes estrophes que elle proprio disse e parece que improvisou, levantando bem alto a cabeça, e olhando fito para o imperante:

Quem vestio de bravo a farda,  
Não deve andrajos vestir:  
Mão que deu fogo á bombardada  
Não deve esmolos pedir.  
E' um desar para o Estado,  
Um exemplo, que ao soldado  
De hoje os brios destroe,  
Que ahí penem na indigencia  
Obreiros da Independencia,  
Soldados do seu heroe.

Do teu coração humano,  
Sim, esperamos, Senhor  
Ver do infeliz veterano  
Secco o pranto, extincta a dôr.  
O collo então reverentes  
Te curvarão mais contentes  
Os velhos soldados teus.  
Os velhos vão, que da guerra  
A lei só manda que em terra  
O ponha o soldado a Deus.

Haveria muitos liberaes, entre os que clamavam contra o absolutismo do improvisador, que não seriam capazes de dizer face a face a D. Pedro II estes versos dignos e altivos. O imperador ouviu-os, e veiu apertar a mão ao poeta, cuidando immediatamente em que fosse assegurada a sorte dos veteranos da independencia.

Mais ainda: pouco depois houve um banquete, para o qual foram convidados todos os veteranos da independencia, banquete a que presidiu o imperador, e a que assistiu Moniz Barreto. O imperador, sabendo do talento de repentista do seu conviva, deu-lhe mote, e o mote escolhido foram dois versos do proprio D. Pedro II, versos de uma tragedia que o imperial litterato compozera na sua mocidade, e que se intitula *Guilherme Tell*. Os versos eram os seguintes:

Terminem trevas de atra escravidão  
Pelo brilhante sol da liberdade

Moniz Barreto ouviu os versos, e com os versos a informação de que pertenciam a uma tragedia intitulada *Guilherme Tell*. E logo, de prompto, aproveitando o assumpto, glosou os dois versos em dois sonetos a seguir, que vamos transcrever, porque realmente dão uma idéa perfeita do maravilhoso talento do repentista:

Se a Suissa em Guilherme o seu luxeiro  
Teve, que lhe accendeu da vida o lume,

E só do gladio vencedor ao gume  
Fez succumbir o despota altaneiro;

Mais feliz, o imperio brasileiro,  
Que em tudo da natura o sceptro assume,  
Um bemfeitor, um pai, um genio, um nume  
Possuo no immortal Pedro Primeiro.

D'esse heroe dos heroes digno oriundo  
Anjo é hoje da brazila nação  
O novo imperador—Pedro Segundo.

O exemplo do seu nobre coração  
Submissos imitando os reis do mundo,  
*Terminem trevas da atra escravidão.*

A ser pobre e pequeno, acostumado,  
Nunca incensei idolo vil, mundano;  
A insignia sei honrar de veterano,  
Não renego jamais do meu passado.

Mas hoje o filho do immortal soldado  
Do heroe brasileiro e lusitano,  
Em meu livre alaude alçar ufano  
E' já meu pundonor, é já meu fado,

Lisonjeiro e servil, não o venéro  
Pelo esplendor da regia magestade;  
Cultos de coração lhe dou sincero.

Lá onde está seu pai—na Eternidade—  
Vê-lo a par d'elle coroado espero  
*Pelo brilhante sol da liberdade.*

Não houve incidente da vida politica bahiana que não tivesse logo um echo vibrante na lyra facil de Moniz Barreto.

A festa de 2 de julho, a grande festa da Bahia, tinha n'elle o seu poeta; as glórias da campanha do Paraguay, em que conquistaram louros immortaes tantos filhos da Bahia, os conflictos diplomaticos do Brazil com a Inglaterra e os Estados-Unidos, em que por um momento despertou o brio nacional, a memoria dos finados illustres, tanto dos que tinham sido politicos ou generaes como dos poetas e dos escriptores, os enthusiasmos artisticos inspirados pelos grandes actores, tudo isto inspirava a Moniz Barreto já brilhantes improvisos, já poesias feitas reflectidamente, que figuram em varios volumes, lisonjeiramente apreciadas pela critica.

PINHEIRO CHAGAS.

## AO CREPUSCULO

(NOTAS PARISIENSES)

### Sonhos

Em quanto ella fallava apressadamente, em uma especie de loucura, não concluindo as phrases começadas, rindo sem motivo, com um mau riso desafinado, os olhos fixos d'onde caíam, uma a uma, grossas lagrimas que deslisavam ao longo das faces, fantasiando a possibilidade de expatriar-se em uma solidão tranquilla e profunda, de fugir para ir encerrar-se em uma casinha perdida na espessura do bosque, ou em alguma estalagem aldeã, cujas janellas abrem sobre a immensidade azul do mar, ou, finalmente, em uma longiqua cidade de provincia,—em qualquer sitio, com tanto que fosse longe de Paris que detesta agora, tanto quanto o adorou nas suas alegres despreoccupações de *Frou frou*, —André assentou-se ao seu lado, pegou-lhe nas mãos, apertou-as docemente, como tem por costume para partilhar o seu mal, sempre que a febre a devora.

O fogo extinguiu-se; dos ultimos lampejos do dia, pallidos e cinzentos, esbatidos pelos stores de florença côr de rosa, illuminam na parede um *pas'el*, onde se recorta o vulto de uma mulher empoadada, de labios descerrados pelo jubilo de viver, afagando uma haste de lilaz branco, d'onde se evola um vago aroma de *sachet* de almiscar, esquecido durante um seculo entre antigos vestidos de ramagens.

Com uma voz grave, impregnada de verdadeira ternura, — tão triste de a vér triste ao lado d'elle, que a ama tanto, — André combate as suas subitas amarguras, recorda-lhe o passado, semelhante a um radioso conto de fadas, supplica-lhe, com palavras carinhosas de mãe e de homem que adora, que supporte esses rancores, que a esmagam no seu orgulho de mulher honesta, que seja forte, que tenha a coragem de desprezar as insignificantes que a invejam, porque ella ostenta um falso aspecto de felicidade, e porque é mais bonita e mais loira do que as outras, as despeitadas, que espiam os seus menores gestos; pede-lhe, enfim, que dê os seus primeiros passos de convalescente, depois de ter soffrido

as agonias, as desillusões que deixam a alma eternamente ferida. Desde que o tribunal pronunciou o divorcio,—apoz longos mezes de expectativa,—ella, enclausurando-se no seu ermo, como uma viuva, envolvendo-se em um instinctivo e delicado pudor, nunca mais voltou aos bailes e só apparece nos theatros em camarotes de rotula, onde recebe apenas os intimos e os parentes.

Dir-se-ia que se votou a uma especie de noviciado, findo o qual começará uma vida nova, e que não quer mostrar-se e reaparecer no mundo senão pelo braço e ostentando o nome d'aquelle que vive unicamente para ella, que a deseja doidamente e a rodeia de um culto fanatico de crente.

Ella é o seu exclusivo pensamento, e André nada vê além dos seus cabellos tão finos, da sua boca attrahente como um saboroso morango e dos seus olhos avelludados, onde a melancolia passa ao de leve, como uma nuvem fugitiva, reflectindo na face de um lago sombrio.

Estranhas e longas nupcias, menos ingenuas do que as outras, mas de um encanto tão subtil, de um gozo tão supplicante, tão afinado na sua tentação, que cresce, que se prolonga, que tortura,—nupcias identicas a uma fatigante jornada, ao longo de uma estrada poeirenta, na extremidade da qual se avista por muito tempo, sem se poder attingil-a, o vago contorno da casa onde dormiremos em bellos lençoes brancos, onde beberemos vinho fresco, onde readquiriremos o perdido alento ao contacto de uns labios vermelhos e cariciosos.

André animava-se,—a colera transluzia nas suas sobrance-lhas contrahidas,—batia com os pés no tapete d'Aubusson.

Ah! estava farto d'esse mundo hypocrita, invejoso e mentiroso, onde ninguem pôde abandonar-se a uma sensação, estreitar as mãos que se estendem, sem um secreto receio, sem a probabilidade de se lhe deparar uma perfidia; abominava a grande cidade, onde todas as religiões estão mortas.

Como ella tantas vezes desejou, no tempo das promettidas beatitudes, não se demorarão em Paris senão o tempo de mudar de cavallos, não deixarão ahí nem o seu coração, nem as suas forças; irão occultar o seu amor no campo, debaixo das grandes arvores cujas folhas cheiram bem, e onde os entes que se amam estão mais proximos um do outro.

Ella ouvia-o com uma surpresa infantil no fundo das suas pupillas, enlaçando-o nos braços serpentinos, esbelta e ondulante no seu longo vestido bizantino de velludo violeta, que caia direito sobre os seus pantufos bordados a flôres de ouro, deleitada no unisono dos seus sonhos, das suas esperanças...

André conduzia-a, mentalmente, atravez de paizagens sem cessar renovadas, com aspectos de oceano ou de floresta, onde aspiravam juntos um ambiente de ventura, aquecendo-se, repousando em uma doce luz tepida, como que projectada por um sol d'outono.

Quanto se amariam, quanto seriam felizes e como se desvaneceriam depressa os antigos desgostos, como cicatrizariam docemente as feridas ainda sangrentas!

Oh! velha casa, guarnecida de moveis antigos, ó terraço arborizado de tilias, com pavões brancos que batem as azas ao cair da tarde, lá, ao longe, na linha profunda e calma do mar; ó bosques, onde cantam as aves, ó largas chaminés por onde se evaporam as faulhas do brazeiro.

O' ternuras sentidas na paz deliciosa das cousas, beijos divinos, beijos extaticos, beijos que brotam dos labios a cada instante, assignalando as folhas das recordações como outras tantas fitas côr de rosa e azues!

O' delicia de jurarem um ao outro que se adorarão até a morte, que envelhecerão juntos com a miragem ante os olhos deslumbrados, que não soffrerão mais, que partirão de mãos dadas para o eterno ignoto!...

E é em uma especie de oração, ladainha de suprema ternura, que elles repetem assim, nas trevas que se desdobram, as mãos unidas e os olhares confundidos, o credo da sua religião.

E na morte lenta e funebre das claridades que se apagam, dois corações revivem, fundidos em um só coração, para a luz de uma esperança, que reúne todos os divinos gosos do paraíso.

RENÉ MAIZEROT.

## NÃO TE ESQUEÇAS

Não vês ao longe o mar como se agita  
e iroso vae bater na dura fraga?  
Por ti, assim, no peito meu palpita  
o coração que a esperança ainda afaga.

Fem te ver, o que eu soffro! Se soubesses,  
tinhas dó, muito dó do meu tormento!  
Oh! dize que jamais de mim te esqueces,  
que eu de ti não me esqueço um só momento.



A MESQUITA DE DODINGA

(Nova Guiné)

## A POESIA DA SERVIA

Perguntaram um dia a Mičkiewicz: «O que são os servios?»  
E o grande poeta da Polónia respondeu: «Um povo destinado a ser o bardo e o menestrel de toda a raça slava.»

J. Reinach sae em abono d'esta opinião confirmando-a: «O caracter servio é essencialmente poetico, e a sua poesia não se traduz apenas nos *pesmas*, nos hymnos nacionaes que acompanham na *guzla*, encontra-se ainda na religião, nas cerimoniaes do culto, nas festas, na organização da familia, nos casamentos, na coragem heroica dos combates, nos sonhos de uma vida melhor. Se queremos procurar a causa d'este caracter dos slavos, devemos attentar no paiz que elles habitam. O povo que tem a Servia por patria, não podia deixar de ser, como disse Mičkiewicz, senão um povo de bardos e menestrels, e, nas horas de perigo nacional, um povo de heroes. As florestas sombrias e profundas, as quebradas dos valles, as altas montanhas com as suas cristas inacessiveis e os seus bosques de castanheiros, os *Schumadia*, as margens accidentadas dos rios, toda essa natureza selvagem e pittoresca contém e inspira thesouros de poesia.»

Na familia servia o sentimento da fraternidade é talvez o mais desenvolvido. «Não ha uma joven servia sem irmão» diz uma velha lei. Quando a noiva deixa o lar da sua familia, é pelos irmãos que ella chora lagrimas semelhantes a *bagos que se destacassem de um cacho maduro*. A canção do desgraçado Iowo diz assim:

«O moço Iowo cabiu, porque o sobrado da casa abateu, e partiu o braço dire to.

«Quem o curará? Só a feiticeira da montanha, que conhece a fundo a virtude das plantas; mas a feiticeira exige muito. Pede a mãe a sua branca mão direita; a irmã as tranças do seu cabello; a mulher o seu collar de perolas...

«A mãe dá, com a melhor vontade, a sua branca mão direita, a irmã dá as tranças do seu cabello, mas a mulher recusa o seu collar de perolas...

«Agasta-se a feiticeira que vive na montanha, e lança veneno nos alimentos de Iowo. Iowo morre com grande pezar de sua mãe.

«Ouvem-se então gemer tres cucos: um que não deixa jamais de lamentar-se; outro que só se faz ouvir pela manhã e á noite, e o terceiro, que sómente geme quando lhe apraz.

«Qual é o que não deixa jamais de ouvir-se? A desgraçada mãe de Iowo. O que sómente se ouve pela manhã e á noite? A irmã de Iowo, profundamente afflicta. E o que só geme quando lhe apraz? E' a joven viuva de Iowo.»

O casamento entre os servios é livre, o resultado do *mutuus consensus*. O rapaz apresenta-se em casa do pai da namorada, e pede a sua mão. Obtida que seja, dá-lhe o anel, penhor do casamento, porque um antigo *psmaz* diz: «Como testemunho de amor, dá-se um pomo; como perfume, um mangerito;—mas o anel só se dá para casar.»

Se a donzella quer recusar o namorado, arremessa-lhe o pomo á cara, dizendo: «Não te quero a ti nem ao teu pomo.»

Excepcionalmente, algumas vezes, os pais procuram para as suas filhas casamentos ricos. Os *pesmas* protestam contra esta excepção. A pobre rapariga caminha descalça sobre o gelo, tirando, e o irmão pergunta-lhe: «Tens frio nos pés, querida irmã?» E ella responde: «Não! não tenho frio nos pés, meu irmão, mas sinto um frio glacial no coração. Mas não é a neve que me molesta, é minha mãe que me quer dar por esposo aquelle que eu aborreço.» Uma outra canção diz: «Vivia na montanha uma donzella, e toda a montanha era illuminada pela belleza do seu rosto. O' meu rosto, dizia ella, ó meu unico cuidado, se eu soubesse, meu branco rosto, que um velho marido te devia beijar, oh! iria á montanha verde e colheria o absyntho, espremeria o seu suco e lavar-te-ia com elle, meu rosto, a fim de que o velho, quando te beijasse, lhe sentisse o amargor. Mas se eu soubesse, meu branco rosto, que um joven marido havia de te beijar, oh! então iria ao verde jardim, colheria todas as rosas e das rosas espremeria o suco para te lavar, meu branco rosto, a fim de que o joven noivo, quando te beijasse, ficasse perfumado do teu perfume.»

O casamento, revestido ainda de todos os symbolos primitivos, exige que os irmãos e amigos da noiva a acompanhem á sua nova casa, a cavallo, ao som de musica, entoando canticos e dando tiros. As irmãs e as cunhadas vem então ao encontro da noiva, que se adeanta para ellas: apresentam-lhe uma creança que ella deve vestir, bem como deve offerecer aos convidados pão, vinho e agua. Só quando dá á luz é que a noiva passa a ser considerada como fazendo parte da familia. Recebe um dote, que os servios chamam *persia*. Quando a noiva já não tem pae, é o irmão que deve pagar o dote, sempre fixo, e de que o marido não pode fazer uso. Mas, circumstancia verdadeiramente notavel! quando uma rapariga casa sem auctorisação dos pais, a sua união é considerada legitima, pois que tem por base o amor.»

Assim é que diz uma canção:

«Eu queria pedir a tua mão, mas teu pai não me quer para genro, e eu só não te posso roubar. Escuta as minhas supplicas,

vem para mim, que t'o peço eu.—Bello amigo, é inutil pedir a minha mão; meu pai recusar-t'a-ha. Não penses em roubar-me, porque tu o pagarias, meu bem amado Tenho nove irmãos e numerosos primos; quando elles montam nos seus cavallos negros, com as suas finas espadas na mão, só vel os causa horror. Não quero que tu morras combatendo com elles; e se fugisses, não mais te poderia ouvir. Amo-te. Chama-me, eu irei voluntariamente lançar-me nos teus braços.»

Os funeraes são, entre os servios, tão poeticos como o casamento. Quando morre alguém, os parentes levantam grande alarido; os homens saiem descobertos durante alguns dias; as mulheres deixam fluctuar os cabellos e os vestidos. Os homens choram silenciosamente, mas as mulheres, desde o dia da morte até ao do enterro, não cessam de *naritsati*, quer dizer de cantar em voz alta a sua dor, pranteando a sorte do morto e dos seus.

«Ail ail trava-se na minha alma um terrivel combate! Volto os meus olhos para o anjo luminoso de Deus, e exclamo: Fazei com que a minha vida seja curta. Mas Deus não me escuta. E eu, ail contemplo o oceano da vida, de que as más paixões são as vagas, e em vão desejo abordar a porto e salvamento.»

Segue-se a cerimonia dos funeraes, sendo o esquife do morto conduzido ao cemiterio pelos amigos. Quando o feretro desce a sepultura, um sacerdote lança-lhe em cima um punhado de cinzas, e as mulheres recomeçam a prantear longa e tristemente. Cada anno ha um dia consagrado aos mortos: é o *Zaduchniti*.

Os servios, como diz Theophilo Lavallée, formam a população christã mais importante da Turquia, pela dignidade e gravidade do seu caracter, pela sua coragem, bondade, generosidade, costumes patriarchaes, amor á patria, usos e religião.

A festa dos ramos é a primeira do anno: celebra o advento da primavera. As raparigas juntam-se n'uma collina e cantam o hymno da resurreição de Lazaro: «A creança cresce, o homem vive, o velho morre n'esta ideia: quando virá o imperio servio?» No dia seguinte, antes do nascer do sol, vão buscar agua e cantam em côro: «As pontas do veado tornam a agua turva, mas o seu olhar torna-a clara e limpida.»

(Continua)

ALBERTO PIMENTEL.

## OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 36 DO 3.º ANNO)

VII

### Como se desfaz um embaixador!

—Antes que m'a mandem? perguntou elle despeitado. Ora essa! Porque me hão de demettir?

—Não faças perguntas inuteis, e escreve já para Lisboa, respondeu-lhe desdenhosamente Antonina, encolhendo os hombros.

O conde de Sendim, habituado a obedecer-lhe sempre, submetteu-se sem recalcitrar, apesar de se sentir muito melindrado com o humilhante desprezo que havia nas palavras e no tom da sua amante.

Sentou-se á secretaria e escreveu ao novo ministro dos Estrangeiros, dando a sua demissão do elevado cargo que occupava, e mandou deitar a carta no correio.

Mas o seu amor proprio profundamente ferido, forneceu-lhe um mau humor que durou 48 horas, e talvez tivesse durado mais se um acontecimento inesperado—por elle—não tivesse vindo derreter esse mau humor, e obrigar-o a curvar-se ante o alto bom senso e a profunda sebedoria da sua loura amante.

Dois dias depois de ter expedido de Paris para Lisboa a sua carta ao ministro dos Estrangeiros resignando o logar de embaixador portuguez em Londres, isto é, quando a sua carta não chegara ainda positivamente ao seu destino, e vinha pelo caminho, o conde de Sendim recebeu no seu Hotel, em Paris, um officio do Ministerio dos Estrangeiros.

O conde fez-se branco ao vel-o, e olhou de soslaio para Antonina, que estava sentada ao piano, lendo uma partitura d'uma operetta nova, então em voga.

Antonina, que fingira não ter dado pelo mau humor do seu amante durante os dois dias passados, perguntou-lhe muito naturalmente:

—Quem te escreve de Lisboa? E' o Malaquias?

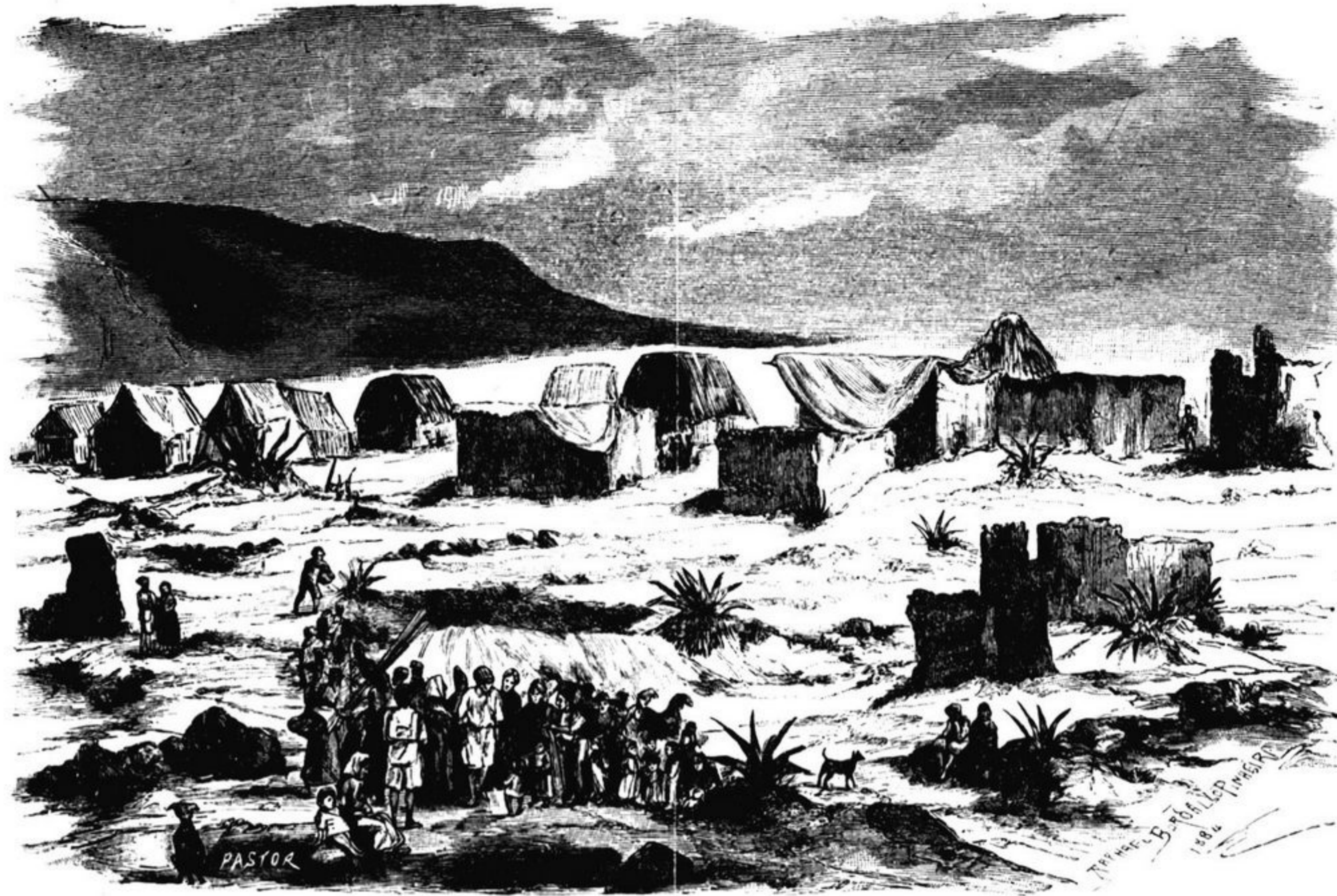
—Não, respondeu o conde a custo, mastigando as palavras; é um officio dos Estrangeiros.

Antonina teve um sorriso quasi imperceptivel e continuou a tocar a sua musica, cantarolando a meia voz os couplets esoticos da nova operetta.

O conde abriu o sobrescripto, leu rapidamente o officio, e fez-se muito vermelho, pondo-se em pé, agitado.



JAYME ARTHUR DA COSTA FINTO  
INICIADOR DAS NOVAS EDIFICAÇÕES DE CAPARICA



A COSTA DE CAPARICA DEPOIS DO INCENDIO



AS NOVAS EDIFICAÇÕES NA COSTA DE CAPARICA

— Bem fiz eu! Bem fiz eu! repetiu elle furioso, passeando pela casa, que pouca vergonha!

— O que é? perguntou-lhe muito ingenuamente Antonina, sem deixar de tocar.

— E' a minha demissão! responderen elle, vexado.

— Vês, o que te dizia eu? tornou Antonina deixando o piano e aproveitando a occasião para liquidar as suas contas, para lhe castigar o seu injusto e intempestivo mau humor.

— Pois sim! fossem lá adivinhar uma d'estas!

— Era facilimo, e tanto que o advinhei eu logo, que não sou propheta.

— Tinhas razão, tinhas razão, concordou por fim o conde de Sendim; conheces muito mais o mundo do que eu! Eu não passo d'um pateta.

— E de um mau, acrescentou Antonina tendo o cuidado de o desmentir, mas adçoando o que havia de amargo na sua conjuncção e, com um ligeiro tom de animo que ficou deliciosamente no seu formoso rosto.

O conde olhou para ella e calou se, como quem comprehende que tem culpas no cartorio.

— D'um mau, sim! continuou ella, fazendo-se muito magoada, cuidas que eu não percebi o mau humor com que tu andas ha dois dias, desde que eu tive a franqueza de te dizer que pedisses a demissão antes que t'a mandassem? Cuidas que não percebi o modo como tu me tratavas? Fingi não dar por isso, porque sou muito tua amiga, e porque quero sempre evitar questões entre nós. Mas arrependi-me muitas vezes do conselho que te dei e que tu tão mal recebeste.

— Não recebi mal, enganas-te, balbuciou o conde.

— Mas não torno mais! Isso juro-o; nunca mais ouves da minha bocca um conselho qualquer, podes ter a certeza.

— Não, não, pelo amor de Deus, não digas isso, supplicou o conde de Sendim todo humilde, quasi que com as lagrimas nos olhos. Acabas de ver agora mesmo como os factos te deram razão. E's a minha guia, és minha mentora, eu sou o teu joven Telemaco, concluiu o conde, procurando com a brincadeira desarmar a sua amante.

Mas Antonina queria fazer valer o seu triumpho, e não se deixou desarmar tão facilmente.

O conde esgotou todos os recursos da sua imaginação, que não era lá muito fertil, para se fazer perdoar o seu tão injustificado mau humor.

Por fim Antonina perdoou-lhe, depois d'uma longa scena em que o conde representou o mais ridiculo dos papeis.

E d'esse dia em diante o seu poderio sobre o amante, que era já enorme, mais definitivamente se affirmou.

O prestigio de que se vira cercado de repente, subira á cabeça do conde de Sendim, que chegára a julgar-se um grande homem, e que, com a mais ingenua convicção, acreditára que a rapidez com que se elevára aos mais altos cargos, a importância que o rodeava eram devidos ao seu valor pessoal, e não simplesmente á habil tactica da sua amante, á sciencia engenhosa com que ella sabia fazer-lhe gastar os seus contos de réis e encaminhar os seus passos.

A demissão que de Lisboa lhe era dada do seu cargo de embaixador, a pressa com que o novo ministro dos estrangeiros, logo ao tomar posse do seu cargo, tratára de o passar á disponibilidade, veio tirar-lhe todas as illusões, e a certeza do vaticinio de Antonina fel-o comprehender de uma vez para sempre o muito que ella valia, e a insignificancia do seu proprio valor.

Demitido do cargo d'embaixador, o conde de Sendim queria voltar logo para Lisboa.

Foi ainda Antonina que se oppoz a isso terminantemente, obrigando-o a dar um passo acertado em que elle não pensára, e para que ao principio mostrou certa repugnancia.

— Nós agora não devemos de forma alguma ir já para Lisboa, disse-lhe ella. Tu vieste para o estrangeiro para que?

— Para me ver livre da pasta da Fazenda com que não nos sabiamos já haver, respondeu muito ingenuamente, muito sinceramente o conde de Sendim.

— Sim, isso foi o motivo real, a razão verdadeira, tornou impaciente Antonina; mas qual foi o motivo que nós demos aos teus collegas para te nomearem embaixador? A necessidade de sahir de Portugal, de mudar d'ares por causa da tua saude. Ora não se comprehende que o novo ministro dar-te a demissão fosse a cura radical da tua doença, e por isso devemos pelo menos estar cá por fóra ainda uns mezes, afim de te restabeleceres.

— Tens razão, tens razão, concordou logo o conde, convencido.

— E ao mesmo tempo, tu ainda tens que voltar a Londres, acrescentou Antonina.

— Eu? Para que? perguntou elle muito admirado.

— Para te despedires do pessoal da legação, e principalmente para veres teu filho.

— Para ver meu filho? repetiu o conde estupefacto.

— Sim, é necessario que o vejas, que vivas com elle ostensivamente uns dias em Londres, isso dar-lhe-ha importancia a elle, e ao mesmo tempo ficar-te-ha bem como pae.

— E tu? Se elle te vir?

Como t'o hei de eu apresentar? Voltamos á mesma situação

difficil de que fugimos sabindo de Londres apenas elle chegou!

— Eu fico aqui esperando-te.

— Sósinha?

— Sete ou oito dias se tanto, que mais não precisas demorar-te lá.

O conde teve vontade de oppor alguma resistencia, mas não se atreveu, e apesar de lhe custar muito separar-se da sua amante, de lhe custar muito deixal-a só em Paris, obedeceu e foi.

D'ali a cinco dias voltava a Paris, tendo cumprido a sua missão, e parta com a amante para a Italia.

Ao cabo de seis mezes o conde de Sendim regressou a Lisboa. Era esperado na estação por todos os seus ex-collegas, por todos os seus amigos mais intimos, e recomeçava a sua vida brilhante na capital, mas agora completamente afastado da politica, insistindo terminantemente em nunca mais voltar á vida publica.

Passados alguns annos, o conde recebia uma manhã a noticia de ter morrido sua esposa na sua herdade do Douro, e com a noticia a visita de sua filha.

Foi então que elle a mettu a educar no convento, d'onde a vimos saber a toda a pressa, para ir velar junto da cabeceira do seu pae gravemente enfermo, e onde a iremos encontrar no capitulo seguinte.

(Continúa).

GERVASIO LOBATO.

## A VISCONDESSA

A viscondessa de \* \* \*, uma antiga creada de servir a quem o patrão deixára toda a sua fortuna, casara com o fidalgo arruinado, o visconde de \* \* \* e d'ahi lhe proviera o titulo.

Pretenciosa e ignorante como uma verdadeira sopeira, a nova viscondessa odiava instinctivamente a alta sociedade de Lisboa, onde occupava um logar inferior, pela sua falta d'espírito, pela completa ausencia d'elegancia e pelo seu character avarento.

Se fosse espirituosa, se semeasse o ouro ás mãos cheias, se deslumbrasse pelas suas toilettes, veria aplanadas todas as difficuldades. Mas da sua antiga condição, tinha conservado bem vivo na physionomia o tom aspero da lucta. O olhar não tinha a elevação suave das almas tranquilladas, mas a dureza do conquistador; das suas pupillas humidas de orgulho, não escorriam threnos dulcissimos, mas o *va victis* das viragos. O tronco robusto e despido d'elegancia, denotava a sua origem plebeia. Nas mãos grandes e fortes, gritava em todos os tons a phrase popular: «Mulher de faca e calhau.»

Não obstante, examinada parcialmente, tinha bellezas de detalhe. A carne rija e a pelle branca. Formoso o cabello preto. Os olhos scintillantes e negros. O nariz petulante, arrebicado com graça, os dentes esmaltados e uns labios vermelhos n'umas faces rechonchudas, que abriam covinhas ao lado quando se ria. Era a mulher forte, o prato de resistencia, como dizia, na sua linguagem mundana, o visconde.

Escarnecida nos salões, mercê da inarreditavel quantidade de joias com que enchia os dedos, o collo, braços, orelhas e cabeça, a ponto de lhe chamarem a *saloiá*, foi esconder, furiosa, o seu despeito, na provincia, n'uma das suas maiores propriedades nos suburbios de Braga.

O visconde não esperava de certo este resultado inesperado do seu casamento. Bom *vivant*, tinha os seus habitos adquiridos de dilettante de S. Carlos e do... Colyseu; de conviva obrigado das ceias no Matta e no Augusto, e das batidas até ao Campo Grande. Ficou fulminado com a decisão da nobre esposa; homem porém de grande senso pratico, aproveitou a occasião para se livrar dos seus antigos credores, para os quaes o casamento d'elle representava a ultima taboia de salvação.

Uma vez na sua bella propriedade dos suburbios de Braga, a viscondessa ponde dar largas á sua expansão de aparato saloió, sem temor dos sorrisos alfacinhas.

A viscondessa viu-se cercada e adulada em extasi quasi religioso pelos carolas de todos os feitios e tamanhos, muito entendidos em cordões d'ouro e brincos espaventosos. Foi um triumpho. Fez-se então beata; mas beata mundana, como devia ser dama de tão alta estirpe.

No meio d'este regosijo, a viscondessa teve um filho, o que deu occasião a pomposas festas no solar. Embora de constituição robusta podesse bem amamental-o, pareceu-lhe destoante dos seus pergaminhos tal ousadia, e foi chamada uma ama. Tinha esta uma pequenita de dois annos d'idade, que veiu tambem na sua companhia, para distrahir o menino quando elle fosse mais crescido.

Creeceram juntas as duas creanças. A ama, ao terminar a criação, voltou aos seus lares deixando a filhinha.

O Arthur fez-se um homemsinho, muito formoso e distincto, muito travesso e animado, por ser filho unico de tão nobres per-



sonagens. Tinha da mãe herdado a pureza do sangue, mas não o genio; n'isso saía ao pae: bom, nervoso, sensível.

A pequena babava-se por elle. Era o seu Arthursinho: tu cá, tu lá. Tinha então o Arthur 12 annos e a rapariga 14.

A viscondessa, por um d'estes despotismos comprehensíveis em quem como ella tinha tanta experiencia dos effeitos do amor na nivelação social, eliminou, por um ukasse da sua vontade soberana, a rapariga do quadro da creadagem, enviando-a á mãe.

Quando, n'esse dia, o Arthur regressou do lyceu com a carinha rosada pelo calor asphyxiante de uma manhã de maio, e, depois de beijar a mãe, procurou com os olhos a Anna, não a viu.

—Aonde está a Anna, mamã?

A viscondessa, revelando-se a antiga sopeira brutal, costumada a dominar, respondeu seccamente;

—Mandeia-a para a mãe.

—Porque?

—Porque a não quero cá em casa.

—E que mal fez ella?

—Ella, verdadeiramente, não fez nada; mas não era conveniente que continuasse a estar aqui.

O Arthur abriu uns olhos desmedidos, sem perceber nada.

—E... ella não voltará mais cá? perguntou a creança ansiosamente.

A mãe, já impacientada com o interrogatorio, mordeu os beiços e respondeu:

—Não. E ficas prevenido de que não quero ouvir fallar mais no nome d'essa mulher.

Era tão dura a expressão do olhar e tão sibilante a sua falla, que o Arthur, extremamente sensível, ao ouvir assim tratar a sua companheira d'infancia, sentiu arrasarem-se-lhe os olhos d'agua, e, cambaleando como um embriagado, foi cair desmaiado sobre um *fauteuil*.

Prorompeu a viscondessa em gritos descommunes.

—Ail o meu rico filho! O meu rico filho!

E torcia os braços com desespero.

Acudiu o visconde e a creadagem. O visconde, tomando o filho nos braços e beijando-o com amor, exclamou:

—Não é nada, não é nada. Soceguem.

E voltando-se para a viscondessa:

—Oh! Amelia; vai buscar o teu frasquinho de saes.

A viscondessa voou á cata dos saes, e o visconde soube logo timtim por timtim, do bico de uma creada que estava rebentando por fallar, tudo o que se tinha passado. E curvando-se novamente sobre o corpo do filho, proferiu compassivo:

—Pobre rapaz! Começas a soffrer muito cedo!

Chegou afinal a viscondessa, toda açodada, com um microscopico frasquinho de crystal com bocal e anagramma d'ouro. O pequeno, assim que o aspirou, despertou logo. Mas de certo, não era a physionomia espantada da mãe, que elle desejava ver, porque fez uma careta significativa. O visconde, que observava mudo esta scena de familia, e que não perdia a occasião de se vingar do despotismo da mulher, em alfinetadas ironicas, observou logo:

—Parece que elle estimava mais ver a cara da Anna...

Ao ouvir pronunciar este nome *prohibido*, o rapaz estremeceu desde o bico dos pés até á cabeça e voltou-se para o pae, lançando-lhe os braços ao pescoço, como que a procurar no seio d'elle um abrigo ás suas maguas. E rompeu n'um soluçar forte. Era a crise nervosa que se despedia.

A viscondessa ergueu-se pallida como um cadaver e exclamou colerica para o marido:

—Tu deitas a perdel-ol!

O visconde contentou-se em encolher os hombros, e erguendo o rapaz na cadeira, agarrou-lhe com ambas as mãos a cabeça maravilhosamente bella, afastou-lhe da testa os cabellos annelados e poz-se a beijar demoradamente aquella pelle setinosa e branca, que parecia d'uma senhora.

A viscondessa, por um impeto selvagem de mulher sanguinea, que se julga, pelo facto de ser mãe, unicamente com direito ás caricias dos filhos, lançou as mãos á cintura do Arthur e puxou-o com violencia, pelas costas, para si.

A creança, assim derriçada, desprendeuse das mãos do pae e veio bater com o queixo em cima do braço do *fauteuil*, ferindo-se gravemente e perdendo novamente os sentidos.

A viscondessa retrocedeu aterrada. Os creados, vendo um fio de sangue correr da bocca do pequeno, rodearam-no murmurando, porque lhe queriam muito.

O visconde, armando-se então de toda a sua enorme superioridade d'espírito, apontou com um gesto imperioso para a porta e bradou a todos:

—Saíam!

Era tão altiva e tão nobre a transformação que se operara na sua physionomia d'ordinario zombeteira, tão extraordinario o facto d'elle mandar, quando todos os creados estavam costumados a vel-o obedecer, que todos ficaram pregados ao chão como bonecos de chumbo.

O visconde, vendo que hesitavam, deu alguns passos para elles e encarou-os com um ar tão ameaçador que todos saíram sem proferir uma palavra, apressados e confusos, farejando um drama.

Apenas viu a sala despejada, o visconde voltou-se para a

mulher, e vendo-a abraçada ao filho e a soluçar, disse-lhe friamente:

—A senhora não pôde conservar-se junto do pequeno, porque elle, ao tornar a si, aterrorisado pela sua presença, pôde ser presa de uma febre.

A viscondessa respondeu com azedume:

—Não lhe reconheço o direito de me impedir de estar junto do meu filho.

O visconde, em vez de responder, lançou a mão ao braço da mulher e com um pulso de ferro ergueu-a como se ella fôra uma penna. A viscondessa, que não lhe suppunha tanta força, pasmou um segundo a olhar para elle, e cresceu de ponto o seu pasmo quando reparou na transformação da physionomia do marido. O escravo revoltava-se. Ia succeder a explosão.

O visconde, com os olhos vitreos e os braços cruzados, disse-lhe com a voz sibilante de odio e a tremer de colera:

—Ha treze annos que a aturo sem soltar uma palavra! Todos os seus disparates teem vindo despedaçar-se d'encontro ao meu estoicismo. Hoje, porém, que a sua malvadez estúpida principia a fazer soffrer essa pobre creança, não estou para ser cúmplice d'um assassinio, porque... a senhora mata-a se eu não lh'a arrancar das garras d'hyena.

E como a viscondessa, pallida de furor, se preparasse para lhe responder ao pé da letra, o marido, com uma violencia a que ella não estava acostumada, pegou-lhe n'um braço e arrastou-a para fóra da sala, como se ella fôra uma creança, fechando a porta e exclamando com uma firmeza terrível:

—D'hoje em diante... quero, posso e mando!

Varada de surpresa, a viscondessa foi chorar e arrepelar-se para o seu quarto, e o marido, carregando no botão da campainha, fez entrar o creado.

—Vá immediatamente chamar o medico, disse elle.

E chamando outro creado, ordenou-lhe que fosse buscar, da *parte d'elle*, a Anna a casa da mãe. Em seguida ajoelhou junto do filho e deu-lhe a cheirar o frasquinho de saes. Quando elle voltou a si, viu o pae com satisfação que nada mais tinha que dois dentes quebrados. O sangue que saia da bocca era proveniente da lingua ferida. Juntava-se a isto, a forte pancada com o maxillar inferior e algumas escoriações.

Chegou primeiro a Anna; assim que entrou na sala, relanceou um olhar receioso como que a procurar a cara irritada da viscondessa. O visconde percebeu, porque lhe disse logo:

—Nada tema. D'hoje para o futuro, quem governa aqui, sou eu.

E disse isto com tal decisão que a rapariga se tranquillizou. A entrevista entre ella e o Arthur, foi o trillo de dois rouxinoes. Não se podia dizer que fosse amor. Eram duas almas sensíveis que se queriam mutuamente, não como irmãos, porque os irmãos n'aquella idade geralmente pouco se estimam e o que teem é inveja uns dos outros, mas como dois corações bem formados.

O visconde, grande conhecedor de mulheres, examinava profundamente a physionomia da Anna, a ver se surprehendia algum vislumbre d'essa hypocrisia que é a arma poderosa do pobre junto do rico; e satisfeito com o seu exame, bateu ao de leve na face fresca e mimosa da rapariga, dizendo-lhe:

—Minha filha, agora já não saes de cá, salvo se o Arthur dispensar a tua companhia.

Não se descreve o olhar que a Anna lançou ao pequeno. Este cravou os olhos no pae e exclamou:

—Eu!

E erguendo se, abraçou-se á rapariga.

O visconde estava commovido e pensativo.

N'este momento abriu-se a porta com estrondo, e entrou a viscondessa desfigurada pela colera, quasi espumando. Rapida como uma vibora, aproximou-se da Anna, e esbofetando-a, empurrou-a ou antes atirou-a para a porta da sala, gritando com uma voz de trovão:

—Ponha-se na rua!

Esta scena foi tão rapida, que o visconde nem teve tempo de intervir, mas correndo para a Anna, que já ia a transpor a porta a soluçar, arrastou-a para junto do pequeno, que estava a tremer de medo com os olhos muito dilatados, e voltando-se para a esposa, disse serenamente:

—Esta menina fica, porque eu assim o quero. A saude e a vida de meu filho, estão acima de tudo.

—E eu não quero, respondeu a mulher com insolencia.

—Pouco me importa que queira ou não. Quero eu, é quanto basta.

—E' isso o que vamos ver, respondeu ella em ar de desafio.

E tocando a campainha, disse ao creado, apontando para a Anna:

—Acompanhe a casa da mãe, essa mulher.

O visconde, por sua vez, adiantando-se para o creado, disse-lhe com dignidade:

—Retira-te.

Ha sempre no olhar de um homem, que tem força de vontade, o quer que é que subjuga, porque o creado respondeu:

—Descance, sr. visconde, que eu não obedecerei senão a v. ex.ª

Palavras não eram ditas e já o creado tinha uma valente bofetada, dada pela viscondessa.



BRINCANDO

Então o marido, perdendo a cabeça, exclamou furioso:

—Mulher ordinarissima! Acabas de revelar n'essa acção... digna de ti, a antiga creada de servir nas casas burguezas do Porto, trocando a bofetada da egualdade com os teus companheiros de cosinhal

O golpe era rude demais diante dos creados e do filho, para uma mulher tão orgulhosa e que occultava tão cuidadosamente o seu passado.

A viscondessa suffocada de paixão, olhou desvairada em volta de si, estendeu os braços e caiu redondamente no chão.

N'este momento entrava o medico. O dr., que tinha visto cair a viscondessa, correu para ella, e voltando-se para o visconde que tinha acudido, disse:

—E' uma congestão cerebral.

\* \* \*

A viscondessa melhorou, mas durou poucos annos. Hoje, quem substitue o seu logar no governo da casa, é a joven baroneza de... que não é outra senão a nossa linda Anna, casada com o Arthur. O visconde envelhece satisféitissimo entre os jovens desposados e os netos; e os creados tem as faces mais garantidas.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

PADRE BECKX

*Geral dos jesuitas*

Pedro Beckx, o geral dos jesuitas ultimamente fallecido, nascera em Séchem (Belgica) a 8 de fevereiro de 1795 e fazia parte da Companhia desde 1819.

Em 1853 foi eleito geral, e só ha quatro annos, em consequencia da sua muita idade, a ordem lhe deu como vigario geral, com futura successão, o padre Anderledy, de origem suissa.

O padre Beckx foi o mais effizax auxiliar do papado na sua lucta contra o espirito liberal moderno. Foi o preparador e verdadeiro director do concilio de 1860, e os dogmas da Immaculada Conceição e da infabilidade dos papas, bem como as doutrinas do *Syllabus*, devem-se em grande parte aos seus esforços.

Não obstante, o seu triumpho não foi absoluto. A influencia dos jesuitas foi rudemente combatida nos ultimos annos por varios estados. Guatemala, Nicaragua, San Salvador, a Allemanha e outros paizes expulsaram os dos seus territorios.

O padre Beckx é, apesar de tudo, uma figura historica, que será attentamente estudada.

O vacuo que a sua morte deixa nas hostes ultramontanas, não é muito facil de encher.

\*

Beckx tinha uma physionomia sympathica, fina e expressiva, ao mesmo tempo doce e energica.

A sua frente era alta e larga, os olhos pequenos e penetrantes, a bocca fina, o nariz aquilino e um pouco longo e as maçãs do rosto salientes.

N'uma idade em que a natureza protesta contra as austeridades da vida religiosa, via-se n'aquelle velho que elle se não poupava a privações nem macerações.

\*

A morte do padre Beckx foi resultante de uma bronchite que lhe apparecera no fim do mez passado.

A MESQUITA DE DODINGA

(Nova-Guiné)

A aldeia de Dodinga, na Nova Guiné, consta apenas de algumas casas arruinadas e de uma mesquita de tectos sobrepostos, que a nossa gravura representa. Casas e mesquita estão escondidas entre espesso arvoredos.

Os habitantes de Dodinga são de duas raças: malaio e alfaros.

AS NOVAS EDIFICAÇÕES DE CAPARICA

Apresentamos hoje aos nossos leitores o desenho fiel das novas edificações de Caparica, feitas com o producto da subscrição aberta em Portugal e no Brazil por Jayme Arthur da Costa

Pinto, a favor dos miseros pescadores que um incendio horroroso deixára sem abrigo e sem haveres.

As novas edificações de Caparica são muito simples, mas muito elegantes, confortaveis e aceiadas, formando duas ruas na praia onde outr'ora apenas se viam os restos denegridos d'umas pobrissimas cabanas incendiadas.

Todos quanto concorreram com o seu obulo para aquellas construcções, devem estar hoje satisféitissimos, vendo a rapidez com que a commissão de beneficencia da Costa de Caparica, com Jayme Pinto à frente, accudiu a dar abrigo aos infelizes pescadores sem lar.

Quem fôr hoje à praia, olhar em torno d'ella para uns casebres antigos, que ainda lá existem, cobertos de fetos, e depois reparar nas novas edificações, onde vivem mais de cem familias, perceberá facilmente qual o contentamento d'aquelles pobres pescadores, que, vendo um dia destruidas pelas chammas as suas miseras choupanas, julgando por momentos inteiramente perdidos os seus parcos haveres, se encontram poucos mezes depois,—graças à caridosa iniciativa de Jayme Pinto, secundada brilhantemente por um grupo de cavalheiros presididos por El-Rei,—inquilinos de umas casinhas cuja architectura e cuja divisão iam muito além da sua expectativa, com quartos separados, e uma cosinha especial, elles, coitados, que antigamente faziam o jantar junto à enxerga onde dormiam!

A transformação operada no aspecto d'aquelle areial immenso de Caparica, foi completa, como se vê. A santa Caridade teve mais uma vez o condão de operar um milagre.

E como esse milagre mudou em risos de intenso jubilo tantissimas lagrimas de infortunio e desespero!

BRINCANDO

Tudo o que ha de mais graciosamente infantil! Poisa no braço roliço da loira creança uma caprichosa mosca, e o pequerrucho desvia por momentos a attenção dos seus numerosos brinquedos, para ficar contemplando esse ousado insecto, que vem brincar com o pequerrucho, como o pequerrucho estava brincando com os seus *bibelots*.

ALFREDO MAIA

O telegrapho trouxe-nos a triste noticia de que fôra assassinado pelos indigenas de Timor, o governador d'aquelle districto, capitão-tenente da armada, Alfredo de Lacerda Maia.

O brilhante official andava visitando o districto e enviava para os jornaes de Lisboa interessantes correspondencias a respeito d'aquelle nossa possessão, cujas riquezas não exploradas inculcava como largamente remuneradoras para o capital europeu.

Alfredo Maia tinha apenas 37 annos d'idade; cursára preparatorios na cidade do Porto, e vindo para Lisboa, seguira o curso de marinha.

Tivera sempre um grande enthusiasmo pelas questões colonias. Esse enthusiasmo levou-o à morte.

Foi servindo a patria que elle morreu.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

(A José Maria da Graça)

E' immenso o meu destino, por estar enraivecido - 1-2.  
Este adverbio corre para esta villa—1-2.  
Aqui, esta serra é um crustaceo—1-2.  
Na musica, na musica é uma ave—1-1.  
Aperto esta ave porque é um tecido—2-2.  
No grilhão, este tecido é um insecto—1-1.  
Vigia, porque pode sujar este vestuario—2-2.

ORUOL.

CHARADAS EM VERSO

(Retribuição, ao preclaro charadista de Leiria, M. Monteiro Junior)

Despontou a madrugada,  
Mostrando Phebo fulgente;  
Pr'a faina quotidiana  
Parte e aldeão contente.

Canta além, n'uma balseira,  
Seus cantos melódiosos,  
A philomela. Distante,  
Beijocam-se dois esposos.

Coaxam as rãs no marnel,  
Em gritaria medor ha;  
E muito perto, na herdade,  
Levanta-se uma cegonha. } 1

Cazam seus ternos g'orgeios  
Duas aves ribeirinhas;  
Em quanto n'um casal perto,  
Arruinam duas pombinhas.

Pr'a coroar a paisagem,  
Que se mostra encantadora,  
Ao longe solta uma nota,  
Uma distincta cantora. } 1

Vae no passeio fronteiro,  
Um charadista, vocencia,  
A quem eu, como recruta,  
Faço minha continencia.

Vizeu

PEQUENO ANTONINHO.

Repare como é bonita,  
Eu diviso-a muito bem.  
Airosamente se agita,  
Repare como é catita,  
Olhe além—1

Lá poisou na aguda crista  
D'aquell' monte junto ao mar.  
Siga-a, siga-a com a vista,  
Queira amigo charadista  
Observar.—1

Eleva-se novamente,  
Repare bem, olhe, ali,  
Não se afasta é evidente,  
Dirige-se docemente.  
Para aqui.—1

Vamos, bravo caçador,  
A ave canta, alegre vem,  
Dispare, faça favor,  
Depois dir-me ha o saber  
Que ella tem.

MATHEUS JUNIOR.

**Logogripho**

(Ao illustrado charadista, Antonio Rodrigues Branco)

*Re'ribuição*

A grande celebridade—23, 6, 2, 15, 14  
Cujo nome a historia indica—1, 23, 21, 12, 17, 6, 19, 10, 15, 16,  
Viveu em remota idade,—21, 19, 23, 6, 13, 14, 23, 22  
Vamos, attente na historia!—5, 15, 8, 4  
Verá, sem difficuldade—11, 15, 3, 12, 2, 19  
Entes de triste memoria;—3, 12, 3, 1, 20, 15, 16  
O deus do fogo adorado,—6, 5, 10, 11, 1  
O deus dos ventos temiveis!—18, 7, 2, 10, 11, 19  
Em continente afastado.—16, 9, 2, 10, 22  
Ardendo em fogos terriveis—1, 21, 7, 5, 21, 19, 13, 14, 22  
Verá quem, assassinado, 21, 22, 16, 3, 4, 8  
Causou tormentos horriveis!—23, 15, 11, 2, 1  
Depois, n'uma embarcação,—21, 22, 23, 1, 17, 18, 15  
Em recinto tenebroso,—21, 22, 23, 6, 13, 12, 5, 7, 16, 9  
Vé tambem um figurão,—13, 14, 15, 10, 15, 16  
No jogo buscando o goso.—1, 23, 13, 14, 15, 8, 13, 14, 15  
Vé a planta campesina—19, 21, 21, 15, 22  
Vé a estrella refulgente.—1, 23, 13, 22, 2, 6, 17  
O carnivoro animal;—22, 23, 21, 15  
Vé a flor pequenina,—19, 23, 21, 22, 8, 6, 1  
A doença impertinente,—1, 23, 13, 15, 10, 4  
A planta medicinal;—23, 22, 8, 13, 12, 16  
Vé nas aguas mergulhada—19, 23, 21, 6, 7, 5, 15, 1  
A larva negra, asquerosa;—16, 19, 20, 13, 14, 15, 16, 14, 13, 22  
Vé na abobada estrellada.—1, 23, 13, 7, 23  
Uma côr tão maviosa;—21, 1, 5, 19, 8, 12, 7  
Vé rica tapessari;—1, 23, 12, 17, 22, 2, 6, 19  
Vé um instrumento usado;—22, 23, 6, 21, 19, 3, 15  
Na historia o que mais veria—10, 1, 8, 12, 9  
Quem assim é illustrado?

Porto.

M. M. &amp; M.

**Decifrações**

DA CHARADA EM VERSO:—Reinação.  
DO LOGOGRIPHO:—Branca.

**A RIR**

O sr. Pancrácio Anacleto é um typo originalissimo: quando encontra um enterro na rua, acompanha-o até ao cemiterio, dando mostras da dôr mais profunda.

—Era parente proximo do defunto?—pergunta-lhe ás vezes um dos assistentes, notando o seu parecer afflicto.

—Não o conhecia, meu caro senhor!—responde elle entre soluços, mas deve comprehender o meu desgosto. Eu sou filho do amor, e o defunto podia ser meu pae!!!

Sâbes que idade tem Fulana?

—Diz ella que 29 annos.

—Então, nasceu aos 16.

**UM CONSELHO POR SEMANA**

POMADA PARA IMPEDIR A QUEDA DO CABELLO

Summo de limão.....	4 grammas
Extracto de quina.....	8 "
Tinctura de cantharidas.....	4 "
Oleo de vergamota.....	50 cent.
Tutano de boi.....	60 grammas

Unta-se todas as noites a cabeça com esta pomada, tendo-a antecedentemente lavado com agua e sabão.

**ADULTERA**

(Conclusão)

VI

Como não podia ficar eternamente alli, deliberou encaminhar-se para sua casa e contar todo o succedido á mulher.

Camiuhava nervoso, impaciente, dominado por uma grande sobreexcitação.

A's vezes precipitava o passo, parecendo então que ia correr, mas pouco a pouco refreava a velocidade, e á carreira desordenada succedia o andar vagaroso e incerto de quem vai absorto.

Finalmente parou. Estava em face de uma casa com dois andares e apparencia modesta.

Lateralmente havia um muro que circumdava um pequeno quintal, onde cresciam algumas arvores de fructo.

Todas as janellas do predio se conservavam hermeticamente fechadas, á excepção de uma, d'onde sahia uma claridade frouxa e mysteriosa.

O Braz cravou os olhos na janella illuminada e estremeceu.

Aquella luz, destacando-se singularmente das trevas profundas que envolviam todo o edificio, partia do seu quarto, do quarto de Nathalia.

Facto, na verdade, muito simples, muito natural, e que, em outras quaesquer circumstancias, ter-lhe-hia passado despercebido. N'aquella occasião, porém, não succedeu assim, e elle foi o bastante para que desde logo nutrisse uma suspeita horrivel.

Attraçoal-o-hia a mulher?!...

E ao delinear-se-lhe esta pergunta na mente, cambaleou, levando ao mesmo tempo a mão ao coração, que uma dôr aguda e lancinante, como a mordedura de um áspide, veio subitamente trespassar.

Assim, aquella mulher que elle arrancara aos braços erueis de uma existencia mesquinha e réles, elevando-a generosamente até si, dando-lhe uma posição deslizada, o conforto do lar, o bom passadio, o socego, o bem estar, vinha agora, impudente e perjura, conspurcar-lhe o nome até alli illibado, arrastando o ao desdouro infamante onde a levava uma paixão concupiscente e ignobil!

Ah!... Na sua alma simples e ingenua não podia caber tamanha monstruosidade!...

E apesar de tudo, apesar do papel fatal que lhe escaldava as mãos, apesar d'aquella luz solitaria que brilhava como uma estrella funesta na escuridão da noite, duvidava ainda.

Mais do que a incerteza, predominava n'elle a confiança cega que sempre depositára na mulher que unira ao seu destino,

E foi embalado por um resto de esperança que elle se dirigiu açodado ao muro, onde havia uma portinha que abriu por meio de uma chave que trazia na algibeira.

No angulo do quintal havia um velho telheiro, que abrigava diversos utensilios de jardinagem.

Foi para alli que o Braz se encaminhou. Momentos depois sahio de lá, munido de uma escada de mão, e atravessou o quintal, parando debaixo da janella illuminada. Encostou a escada á parede, muito ao de leve, e dispoz-se a subir.

Hesitou. Abandonava-o a esperança, fallecia-lhe o animo. Estava tremulo, convulso, arquejante. Passava-se no seu intimo o quer que era de horrivel e angustiador, semelhante ao que deve experimentar o pobre naufrago, quando envolvido no torvelinho dos vórtices caliginosos.

Agarrado á escada, como se temesse afundar-se no sorvedouro que o sua imaginação visionaria via escancarar-se a seus pés, olhava alternadamente para a janella e para o firmamento. Para a janella, porque n'aquelle momento parecia ter todas as attracções venenosas do abysmo; para o firmamento, porque era lá que costumava rutilar a sua boa estrella!

Em lugar porem do phanal protector de toda a sua vida, do guia luminoso de todos os seus passos, só via o escuro, mas o escuro tenebroso e sinistro, onde enxameiam seres phantasmagóricos e tremeluzentes, saracoteando-se n'uma macabra infernal... E por toda a parte, em cima, em baixo, em volta d'elle, dardejando raios de fogo e sangue, como o *Miné-Thécel-Pharés* de Balthazar, uma palavra, uma só, mas abominavel e depravada:—*adultera!*...

Braz apertou entre as mãos a fronte que gotjava um suor viscoso e gelado.

—Vamos!... disse elle com voz rouca e sibilante.

E firmando-se no primeiro degrau, subiu rapidamente mas sem ruido, até tocar com a cabeça no peitoril da janella.

As cortinas hermeticamente corridas interceptavam toda a comunicação visual com o interior.

Braz collou o ouvido á vidraça e poz-se a escutar attento e ansioso.

Poude em breve perceber um ruido indistincto de vozes, entre as quaes conheceu a de Nathalia. A outra, uma voz forte, sem duvida a voz de um homem, era-lhe inteiramente desconhecida.

Em taes circumstancias, a revelação não podia ser mais peremptoria!

Braz sentiu todo o peso affrontoso da realidade, e veoz como o raio, fez voar em estilhas a janella...

Passou-se então uma scena medonha!

Nathalia, ao ver-se apanhada em flagrante, experimentou um choque violento e cahiu para o lado com um ataque de nervos, enquanto o seu marido, ebrio de raiva e furor, se arremessava como um tigre sobre o amante que facilmente derrubou, mimoseando-o depois com uma valente saraijada de sócos, acompanhados de imprecações e blasphemias, que lhe sahiam como rugidos dos labios espumantes e crispados!

E elle dava a torto e a direito, n'uma vertigem, n'um delirio phrenetico e bestial, com impetos selvagens de tragar a sua victima, que só largou quando a fadiga o veiu prostrar!

No dia seguinte de manhã sahia do predio uma mulher de meia idade, tez pallida e doentia, cabellos desgrenhados, olhos rasos de lagrimas, orlad os de um profundo circulo violaceo.

Vestia modestamente e sobraçava um pequeno embrulho.

Caminhou por alguns momentos com passos indecisos e vagarosos, como quem vae ao acaso, parando frequentes vezes, e desapareceu por fim na esquina de uma rua.

Era Nathalia.

—«Que fosse procurar a sua vida... Que não lhe queria ver nem a sombra!...» dissera-lhe o marido, indicando-lhe a porta da rua com um soberano gesto de desprezo e asco.

## VII

Duas palavras de explicação.

Jayme, o amante de Nathalia, era um devasso, um libertino cuja unica occupação consistia em namorar as raparigas e frequentar as casas de batota. Apresentava-se porém no rigor do tom, não era feio, e tinha sempre engatilhado um dito amavel para o sexo das graças!

Escusado será dizer que as *pequenas* cahiam como tordos, fazendo obra por estas apparencias de galhardia, atavios de uma ignorancia chata e atoleimada!

Jayme tivera relações, em tempo, com uma tal Julia, rapariga pouco escrupulosa em pontos de honestidade e que ria immenso com as facecias piegas do seu *mais que tudo*.

Este doce idyllio teve porém a duração ephemera das rosas de Malherbe, e Julia, como as suas antecessoras, foi posta de parte. Ella não gostou da chalaça, e em extremo despeitada, tratou de seguir os passos do perfido Lovelace. Soube dos seus novos amores com a mulher do Braz, e acto continuo, n'um rompante vingativo, escreveu a terrivel carta que o leitor já conhece.

\*

O antigo tendeiro não poude ser superior á tempestade violenta que tão abruptamente viera destruir a sereza pacificação de toda a sua vida, e cahiu gravemente enfermo, com um ataque cerebral que o poz entre a vida e a morte.

Graças, porém, á sua rija constituição, conseguiu melhorar, e a saude restabeleceu-se, depois de uma convalescença um tanto morosa.

Braz mudou de casa. Era-lhe impossivel permanecer por mais tempo debaixo d'aquelles tectos que tinham sido testemunhas da sua desgraça.

Estava inteiramente demudado o bondoso merceeiro. D'elle se poderia dizer que envelhecerá dez annos n'uma hora!...

Passava os dias immerso n'um torpor physico e moral, que pouco a pouco ia atrophando aquella valente organização de athleta.

Quando o abandonava esta morbidez dolente e readquiria a posse das suas faculdades, pensava margamente na instabilidade das cousas humanas, e todo o seu passado saudoso lhe accudia á mente, n'um perpassar de quadros alegres que o deixavam absorto em extasis profundo, sonhos dourados que se evolavam, para só ficar a fria realidade d'aquelle quarto sombrio e ermo!...

Fallava muito pouco e sahia raras vezes.

O burguez leviano fizera-se philosopho!

O jubiloso amante dos bulicios e dos folguedos era agora um taciturno anachoreta!...

Quanto póde a adversidade!

## VIII

Uma noite a policia encontrou, estendido na rua, o corpo de uma mulher, envolto n'uma meia duzia de farrapos cujo aspecto repugnante e asqueroso corria parellhas com o monturo em que chafurdavam.

Era uma velha mendiga, mirrada, esqueletica, rosto macilento e escalavrado onde se poderia ler todo um poema de miseria privações.

Jazia ao longe da valeta, na postura inerte e rigida que caracteriza os mortos.

No hospital, porém, onde foi transportada n'uma maca, verificou-se que a misera vivia ainda, mas que estava por pouco.

Effectivamente passados tres dias, aquella alma que indubitavelmente percorrera toda a escala do soffrimento humano, abandonava o corpo, um acervo de podridões que os homens arremessavam á valla obscura dos que nada foram n'este mundo!

A desditosa que assim terminava os seus dias de miseria, no catre humilimo de um hospital, fóra n'outro tempo a esposa feliz do merceeiro Braz!

DUARTE CID

Administração — Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



ALFREDO MAIA